

# DIALOGO

## POLITICO, E INSTRUCTIVO,

ENTRE

OS DOUS HOMENS DA ROÇA,

ANDRE RAPOZO,

E SEU COMPADRE

BOLONIO SIMPLICIO,

*A' cerca da Bernarda do Rio de Janeiro, e no-  
vidades da mesma.*

---

*André Raposo* **B**OAS noites, Compadre Bolonio! tenho agora da Cidade muito cansado de tratar os meus negocios, e cuidar na minha demanda. A minha Brites tem-me feito muita falta; ah! aquillo he que era mulher, se ella me fora viva, não andaria eu tão arrastado, não: ella montava a cavallo, como hum homem, hia á Cidade comprava, vendia, falava ao Letrado, ao Juiz, ao Escrivão, cuidava da demanda, e vinha a noite, para caza, fresca como huma alfaca. Desde que fiquei viuvo, tudo me corre para tras, como o caranguejo, paciencia! são coisas que não tem remedio: DEOS a tenha na sua vista. Todo o caminho te-

nho vindo a rezar-lhe, e encommendar-lhe a alma a DEOS, porque assim como nós fizemos, assim nos farão.

*Bolonio Simplicio.* Tende paciência, Compadre, que a vossa Brites já não morreu de moça: ella já passava dos setenta, e era mais velha, que o terremoto de Lisboa, mas, a pesar d'isso, estava muito rija, e muito forte; e era humma mulher que valia por tres. DEOS a tenha em sua santa guarda, e muitos annos sem nós. Ora disse-me, Compadre, que novidades corriaõ la pela Côrte, porque hum preto meu, que de lá veio hontem, veio dizendo, que hiaõ lá pela Cidade hums ruges ruges, e eu lembro-me de ouvir dizer a minha avó, que ruges ruges se faziaõ os cascabeis.

*A. R.* Oh! vós, Compadre, sempre que venho da Cidade quereis, que vos conte as novidades. Ora lêde no vosso Carlos Magno, no vosso Reportorio, no vosso Lunario perpetuo, e no vosso Thesouro dos prudentes, que são livros de mão cheia, e não me pergunteis por noticias, que eu não sou papel pardo de gazeta. Fui tratar da minha demanda, e venho contente por que me disse o meu letrado, que havia de ganhar a victoria, e ter a sentença a meu favor; por que tinha muita justiça, porém, Compadre, levaõ estas coisas tanto tempo! ora tomemos tabaco? tomai humma pitada, Compadre? tenho hum freguez na Côrte, que mo vende muito bom, forte tabaco! tomai outra pitada, Compadre, e leve o Diabo paixões! esta caixa em que o trago he de corno, e faz muito bom tabaco! porém, como hia dizendo, levaõ estas coisas tanto tempo, que começa a gente humma demanda, morre de velha, e ainda a causa fica concluzu, para se decidir na primeira instancia. Deos nos traga já a nossa Constituição de Portugal, e



a ver se dá remedio a tantas móras e ambages, o que bem necessario he.

*B. S.* Pois bem, como estaes cansado, descansareis hum pouco, e ceareis comigo, pois tenho muito boa carne seca frita com toucinho, e teremos tambem huma galinha com arroz, que me matou huma Gambá, escomungada fora ella! E no emquanto tudo se arranja, podeis contar-me as novidades.

*A. R.* Aceito o vosso favor meu bom Compadre, e quanto mais depressa melhor, porque trago a barriga pegada ás costas.

*B. S.* Então que se dizia lá pela Côte de novidades?

*A. R.* Ouvi dizer muitas coisas, e algumas entraraõ-me por hum ouvido, e sahiraõ-me pelo outro; porém, entre estas disseraõ-me, que os Deputados das Côrtes já tinhaõ partido para Lisboa, e que havia de haver hum nova Bernarda; e por esse motivo sahi hoje mais cedo, porque não gosto nem de Bernardas, nem de Bernardos, bem que destes contaõ-se historias muito bonitas, e engraçadas.

*B. S.* Oh Compadre! pois vós tendeis vindo a lamentar a falta da vossa Brites, e tendeis medo de ver hum Bernarda moça, ora não sejais inimigo das Bernardas; lembro-me de hum lá da minha terra, que tinha bons bigodes, e dançava as fôfas, e a chulla bregeira to de bisca! tomara-me eu neste tempo, e o passado passado! porém Compadre, sempre vos recomendo, que para a outra vez, não deixeis de ver a Bernarda, e, se for mulher capaz e completa, podeis cazar com ella, visto não gostareis de ser viuvo, e tereis então quem vos arranje a caza, trate da demanda, cure os callos, as fontes, a gota, a hydropesia, a molestia do peito,

24  
e as mais, que tendeis, e se vão agravando com o peso dos annos, e cada vez augmentando mais.

A. R. Ora vós, Compadre, como estaes sempre metido na Roça, não sabeis da Missa a ametade; não sejaes simplorio e pobre homem; a Bernarda de que vos fallo, não he mulher, não; a Bernarda são novidades e mudanças, que se fazem no Rocio, juntando-se as Tropas e Povo.

B. S. Ah! ja entendo, são os ruges ruges de que me fallou o meu preto, que veio da Corte. Ora pois contai-me, contai-me tudo a fundamento, porque queria mandar vender hum pouca de farinha, porém, se na Corte ha desordens, já la não mando, não.

A. R. Olhai, Compadre, no dia cinco de Junho houve hum barulho na Cidade muito grande, muito grande. Hia eu na rua do Ouvidor, eis senão quando hum Soldado, que corria, cahe e disparou-se-lhe a espingarda; eu assusto-me e fujo para casa de hum amigo mercador da rua da Quitanda, o qual estando no acto de fechar a porta da casa, deo-me sem saber como, nem como não, com a tranca da porta na cabeça, de cuja pancada fiquei assaralhoupado. Com o susto do tiro, aconteceu-me, Compadre, o que não quero dizer-vos, porém, o caso foi que estando nós detraz da porta quietos e calados, sem tussir nem mugir, começou o mercador a queixar-se de máo cheiro, e eu que estava corrido de vergonha, e aflito da trancada da cabeça, offereci-lhe tabaco, e disfarcei do modo que pude. Cazes acontecem á gente, Compadre!! porém, para encurtar-mos razões, tudo á final não foi nada, somente foraõ para o Rocio todas as Tropas, para onde veio tambem S. A. R., ao qual o Povo por seos procuradores, e as Tropas fi-



zerão suas representações, ás quaes S. A. R. annuo; porque amante sempre do bem publico só faz, e dezeja fazer tudo quanto he a prol do Povo, e de rezultado S. A. R. depoz o Conde dos Arcos, nomeou para seu lugar a Pedro Alvares Diniz, nomeou e creou huma Junta Provisoria de Pessoas do conceito publico, nomeou huma Commissão militar de Officiaes Generaes benemeritos, jurou, e mandou jurar as Bases da Constituição, e tudo isto se chamou Bernarda, e tambem foraõ soltos huns prezos.

B. S. Oh certamente são muitas coizas! mas se são bem ou mal feitas todas ellas, isso não entendo eu, mas prezumo que sim, porque do contrario não as toleraria S. A. R., não?

A. R. Pois esta Bernarda ja não foi a primeira, não; por quanto a primeira foi no dia 26 de Fevereiro, em que Sua Magestade jurou estar pela Constituição tal qual viesse de Portugal. No dia cinco de Junho juraraõ-se as Bases da Constituição, e esta chamou-se a segunda Bernarda; e agora se tornar a haver outra, será a terceira Bernarda.

B. S. Oh Compadre! primeira Bernarda, segunda Bernarda, terceira Bernarda são tres Bernardas; Bernarda pai, Bernarda filho, Bernarda espirito santo, ou Bernarda neto, querem fazer huma Trindade de Bernardas; continuando assim a haver Bernardas seraõ a final mais Bernardas, que as rapozas que Sansão pilhou, a cujos rabos atou fachos accezos de palha, para queimar e destruir as searas dos Felisteos; ora Deos permita, que tantas Bernardas com fachos accezos de palha, não queimem tambem as searas d'alguem!

A. R. Ja me admirava, que vós não viesseis com a

essa historia, porém, tornando á vacca fria da Bernarda, tenho a dizer-vos que ouvi a hume, que queriaõ mais membros na Junta Provisoria, a outros que queriaõ menos, e ultimamente ouvi dizer que queriaõ que governasse só a Junta Provisoria, tendo a S. A. R. por Presidente da mesma.

B. S. Oh Compadre! pois ja houve duas Bernardas, e ainda não estão contentes, nem satisfeitos? Se não sabem o que querem por que não gastaõ quatro patacão em se aconselharem com tantos Letrados como ha na Córte?

A. R. Letrados! a maior parte não são Letrados, não! a maior parte dos Letrados são Rábelas, que só entendem de chicana, para enredar as partes com trapaceas do fóro, em que estão mais vistos que a Repozza em pillar grillos; e se houvesse Letrados, e homens de bom conselho, não haveria tanta gente desaconselhada!!!

B. S. Oh Compadre! pois se essas gentes não sabem o que querem, parecia-me que o mais prudente era esperar, que das Córtes de Portugal viesse o remedio a nossos males, pois tenho ouvido dizer ao nosso Reverendissimo Vigario (que lê os Correios Brasilense, e outros Papeis) que as Córtes tem muito boa gente, e não andarem como as crianças com as bonecas, que nunca as deixão parar. Se eu fosse á Cidade, Compadre, havia de dizer-lhes, que não se metessem em Laberintos de Creta, nem em camizas de onze varas, e que não quizessem coizas feitas ás cegas, nem a troxe mocho, porque não se fez Roma n'hum dia. E este seria o meu conselho, e havia de haver muita gente, que o seguisse, pois ainda que não estudei politica, com tudo sei por as coizas na razão.



*A. R.* Hum dia que tinha as barbas grandes fui fazer-las á loja de hum Barbeiro, onde estava hum mulatto, e hum cabra a discorrer em Politica, e disserão coizas tão fóra de razão, e tanto desencanaixe, que estive para lhe dar com a bacia da barba, porém, não o fiz porque o barbeiro era branco, e tambem de vez em quando metia a sua colherada em Politica, que dizia entender, porém se elle era bom, ou máo Politico não vos posso dizer, o que sei he que de barbear nada entendia, porque quando dei fé cada cabelo da cara que cortava era já hum ribeiro de sangue, e afinal deo-me huma navalhada, que ainda trago o sinal; olhai Compadre muita gente tem querelado com menos fundamento!

*B. S.* Nunca queiraes que de vós se diga, que nas barbas do tolo, aprende o barbeiro novo. Ora, Compadre dizei-me como está aquelle vosso Sobrinho muito esperto, que mandasteis vir de Portugal para ser caixeiro, o qual como ha dois annos que está na caixaria, ha de ja fazer caixinhas muitas bonitas?

*A. R.* Ja vejo Compadre, que com bastante razão vos chamaraõ Bolonio, meu Sobrinho he sim caixeiro, porém, não faz caixas, nem bonitas nem feias. O officio de caixeiro he estar na loja vendendo panos, fazendo contas as quaes elle faz muito bem, e mesmo em Politica que não estudou, entende mais, que os outros caixeiros, porque antes de vir de Portugal, tinha estudado Gramatica Latina, por huma Arte Portugueza que trata de todas as lingoas, que se aprendem na Universidade de Coimbra, e por isso quando chegou, dizia-me o Pai em huma Carta que me trouxe, „ Ahi vai teu Sobrinho para aprender a caixeiro, trata-o bem porque elle merece tudo, por ser esperto como hum alho, e agudo

como a ponta de hum colxaõ ! e digo que meu Sobrinho entende de Politica, porque hum dia que eu estive na loja do mercador onde elle está, juntou-se ali muita gente, e todos discorrerão, cada hum conforme o seu paladar, fallando alguns muito na Bernarda, e com tal barulho que me pareciaõ as rans n'hum charco, ou os grillos a cantar sem medo da rapoza, dizendo huns que queriaõ mais membros na Junta Provisoria, outros que queriaõ menos, e finalmente meu Sobrinho meteo a todos a falla no buxo, e fez-lhes tambem meter a viola no sacco, sustentando fortemente, que o que se queria era que a Junta Provisoria governasse só com S. A. R., sendo seu Presidente; e que não era necessario que S. A. R. tivesse Ministros, e este seria o parto da Bernarda, se ella viesse a bem e fosse feliz no seu parto !

B. S. Porém, ante-hontem estando eu em casa do Cirurgiaõ ( que me tirou hum dente sem dôr, e que não he Cirurgiaõ das duzias, porque além de ter na caximonia muita Cirurgia, tambem sabe de Politica, e de Direito, pois ja fez hum requerimento para tirar huma Provisão do Desembargo do Paço, para advogar ) entrou pouco depois o Vigario, que sabe muita Theologia e Politica, e estiverão a fallar na Bernarda, e Junta Provisoria, e eu lhes ouvi dizer, que isto de governar só a Junta Provisoria tendo a S. A. R. por Presidente não tem, nem pôde ter lugar algum; por quanto El-Rei antes de partir para Lisboa, nomeou a seu Augusto filho o Principe Real seu Lugar Tenente, e Regente do Brasil, e lhe deixou as Instrucções pelas quaes devia governar, até que de Portugal, das Côrtes, e de El-Rei, chegassem as novas e ultteriores determinações, e até qua se estabelecesse huma nova Ordem de cousas;



e por isso todos quantos Governos se crearem, e estabelecerem, para destruir e alterar o Governo estabelecido por El-Rei, tudo he desordem, anarchia, e hum parto monstruoso em Politica, e consequentemente se a Bernarda parisse, teriamos sem duvida, alguma Tainha, Caranguejo, Mocho, ou Coruja, que he ave de mão agoiro. He pasmar, (continuarão elles a dizer) o ver como os petimetres, e charlatães, se abalanço a fallar em Politica, em Cirurgia, e em Medicina, sem nada entenderem de cousa alguma, porém, não tenhamos pena das gentes que são pobres de espirito, porque a estes esta-lhes promettido o Reino da Gloria, pois que diz a Cartilha da Doutrina, as Bemaventuranças são oito, a primeira bemaventurados são os pobres de espirito porque delles he o Reino do Ceo, que Deos nos dê a todos nós. Amen.

A. R. Na manhã, em que meu Sobrinho argumentou muito com varios sujeitos em caza do mercador, onde elle está, fazendo meter a todos a falla no buxo, fui ao depois para caza, comecei a pensar, e custou-me a pegar no sono; e lembrando-me que meu Sobrinho teria dito alguma idolatria em Politica, de que não entendendo, assentei em hir dar parte de tudo ao meu Letrado, que he homem de juizo, e he dos melhores Letrados da Côrte: e com effeito no dia seguinte, muito cedo, fui fallar com elle, e lhe perguntei se tinha algum lugar o governar a Junta Provisoria, tendo a S. A. R. por Presidente, e se S. A. R. podia ceder da authoridade, que lhe deo El-Rei, para governar na sua ausencia, porque, Compadre, eu dezejo guiar e encaminhar bem meu Sobrinho, que são os olhos da minha cara, e não quero que lhe aconteça algum mal: e eu

sigo hum conselho que o meu Vigario repete muitas vezes na Igreja, quando explica o Cathecismo, que he melhor errar com os sabios e prudentes, que acertar com ignorantes e com os melquetrêfes, que fallando em tudo de nada entendem: expuz pois ao meu Letrado o que acima referi, e outras mais cousas que eu ignorava, e depois de escutar, com prudencia e madureza respondeu-me o seguinte. El-Rei, meu pobre André Rapozo ( me disse o Letrado ) antes de partir para Lisboa nomeou a seu Augnsto Filho o Principe D. Pedro, seu Lugar Tenente, e Regente do Brasil, para governar na conformidade do Decreto e Instrucções de 22 de Abril; e este Decreto e Instrucções não podem ser alteradas, senão pelo mesmo Rei, e Côrtes da Nação; e por isso todos aquelles, que se atreverem a usurpar, modificar, ampliar, ou alterar, de qualquer fôrma e maneira, o exercicio do Poder e da Authoridade, em que S. A. R. foi investido por estes Diplomas, atacaõ e offendem aquella parte dos Direitos Magestáticos, e Poder Executivo, que El-Rei tinha, que podia ceder, e que com effeito cedeo em seu Augusto Filho, e consequentemente perpetrão o crime senão de Lesa Magestade, pelo menos de Lesa Nação.

Além deste ataque, e offensa directa aos Direitos Magestáticos, e Authoridade Real, faz-se tambem hum ataque indirecto aos Deputados de Côrtes desta Provincia, que são os Legisladores e Procuradores dos Direitos, e interesses de todo o Povo desta Capitania, e Provincia do Rio de Janeiro, aos quaes o mesmo Povo cedeo e transmittio, por huma fôrma legal todo o seu Poder e Authoridade que tinha, e podia ter, para, em virtude della, os mesmos Deputados exercerem as suas



funções no Congresso Nacional. Se o Povo pois cede todos os seus direitos, todo o seu Poder e faculdades em os seus Deputados de Côrtes legalmente nomeados, e escolhidos, e, depois de huma cessação formal, continúa a fazer, ou querer fazer mudanças e uzo dos direitos e faculdades, que ja não tem, por as ter cedido ja, digo, que este Povo he contraditorio, e inconsequente com sigo mesmo; porque nomêa os seus Deputados, e ao depois faz o que lhes parece, como se taes Deputados e Procuradores não tivesse nomeado, cuje procedimento he certamente mui criminoso, e reprehensivel. E por isso se ha males e abusos antigos, só á Lei toca o emenda-los, e corrigi-los, e só por meio das Authoridades legitimamente constituidas, a saber; S. A. R. governando na conformidade do Decreto e Instrucções acima referidas, que são por assim dizer, o seu Regimento, e todas as mais Authoridades na conformidade dos seus Regimentos, e isto até que huma nova Ordem de cousas seja estabelecida pelas Côrtes e por El-Rei, e nos seja remettida, para por ella nos regularmos. Consequentemente, a Junta Provisoria que S. A. R. creou no dia 5 de Julho, para satisfazer ás justas e bem attendiveis razões, que lhe foraõ ponderadas pelo Povo e Tropa desta Cidade ( formaes palavras do dito Decreto ) não podia nem pôde ter mais attribuições e Authoridade, que a que lhe dá o Decreto do dito dia cinco; por quanto, o Poder e Authoridade que S. A. R. tem, conferida por El-Rei não a pôde nem dar, nem ceder, nem delegar, nem á Junta Provisoria, nem a pessoa ou Authoridade alguma, por ser esta Authoridade delegada por El-Rei para Elle a exercer, e não para dar, ou ceder: e por isso, se S. A. R. voluntariamente demetisse de si a Sua

Authoridade, cedendo-a a alguém, seria por este facto tão estranho, como insolito, responsavel a El-Rei, e ás Côrtes; e se algumas pessoas concebessem o delirio de lhe usurpar, modificar, ampliar, ou alterar a sua Authoridade, cometterião hum attentado contra a Ordem publica, contra a Authoridade Real e Suprema, e seriam responsaveis ás Côrtes, e a El-Rei, como Autores de principios subversivos da Ordem publica legitimamente estabelecida, como usurpadores dos Direitos Magestáticos, e como Chefes de anarchia.

Todes os Direitos Magestáticos, meu bom André, ou da Soberania de huma Nação, não se devidem, e considerão senão em tres distintas partes ou Poderes, a saber; primeiro, o Poder Legislativo ou a faculdade de fazer as Leis; segundo, o Poder Judicativo ou a faculdade de applicar as Leis aos factos e casos occurrentes; terceiro, o Poder Executivo, ou a faculdade de reduzir a factos e pôr em practica esta mesma applicação: ora o Poder Legislativo reside nas Côrtes e no Rei, o Poder Judiciario rezide nos Tribunaes e Juizes, e o Poder Executivo rezide no Rei fallando em geral, e em particular ao Brasil rezide em S. A. R., nos Tribunaes, e Juizes, feitos e nomeados legitimamente, e conforme ás Leis estabelecidas, porque actos nullos, e illegítimos não produzem effeitos legaes.

Por cuja razão podeis estar certo, meu bom Cliente, que o governar S. A. R. com a Junta Provisoria na qualidade de Presidente, não tem lugar algum; e que se tal acontecesse, isto não seria mais que huma rigorosa anarquia, e huma perfeita ignorancia dos primeiros e mais simples principios de Direito Publico. Em huma palavra, Portugal esta-nos servindo de modelo e regra,



em tudo, e em todas as suas seis Províncias não se creou huma só Junta Provizoria, nem a ha, e só se creou a do Porto para substituir o Governo de Lisboa, o que era absolutamente necessario, para começar a nossa Regeneração Politica, e essa mesma foi extincta pela convocação e reunião dos Deputados de Côrtes, e todas as Authoridades ficáraõ governando como d'antes, e governaráõ até que huma nova ordem de coizas seja estabelecida pelas Côrtes: e o que se tem feito em Portugal, he o que se deve fazer nas Províncias e Capitánias do Brazil, e deixar-mo-nos de Juntas Provisorias, que não tem lugar algum, nem podem fazer bem algum; por que este só nos pôde vir das Côrtes e d'El-Rey, onde rezide a Soberania da Nação, e o Poder Legislativo. He verdade, meu bom Andre Rapozo, que haverá gente tão indiscreta que diga; entãõ se a Junta Provizoria não pôde meter o bico na Authoridade de S. A. R. nem governar nada? entãõ de que serve ella? de que serviráõ as supplicas da Tropa e Povo? para que as attendeo S. A. R. se eraõ incompetentes, e não tinhaõ lugar? Cada hum pôde dizer o que quizer, meu bom Andrè, por que tem boca de seo, porem nem toda a gente que diz o que sabe e ouve, sabe o que diz, e o que eu vos posso afirmar he, que similhante reflexão he destituída de fundamento, por quantõ S. A. R. com a creação da Junta Provizoria portou-se como Principe Regente que he, conservou a sua Authoridade, a sua Dignidade, como era do seu dever, e do seu grande juízo e alta prudencia, e condescendeo com as supplicas e representações respeitosas feitas pelo Povo e Tropa, (que se conservou debaixo de armas com aquella ordem e disciplina por que sempre se tem feito tão distincta)

creando huma Junta Provizoria, e dando-lhe aquellas attribuições e Authoridade, que são bem constantes do Decreto da sua creação, e que consistem só em discutir os projectos de Ley, e fiscalizar a responsabilidade dos Ministros; podendo S. A. R. ouvir esta Junta de homens benemeritos em materias graves de Conselho, de informações, etc. etc., e tudo o mais que for do agrado de S. A. R., assim como El-Rey em Lisboa ha de ter huma Junta de homens, com o nome de Conselho de Estado, para a ouvir quando assim for necessario; sem que com tudo nem esta Junta de Lisboa, nem a Junta Provizoria do Rio de Janeiro se possaõ por nenhum principio, arrogar algum dos Direitos Magestáticos, os quaes S. A. R. lhe não pôde dar nem ceder, sem faltar aos seus Altos deveres, como ja tenho incontestavelmente demonstrado. Bem que, como ja fiz ver, o Poder Legislativo só rezide nas Côrtes e no Rey, e os Ministros ja pelo Decreto e Instrucções de 22 de Abril se tinham tornado responsaveis para com as Côrtes, que são as que haõ de punir e fiscalizar a conducta dos Ministros, pela falta da observancia das Leis contra a liberdade, segurança, e propriedade, dissipação dos bens publicos, na fórmula do Artigo 31 das Bases da Constituição. Ora aqui tendeis, Compadre, o que respondeo o meu Letrado tim tim por tim tim, e em quanto elle esteve discorrendo desta maneira, estive eu sempre com a boca aberta a ouvi-lo, como os peixes fizeram a Santo Antonio; e como alem do sentido que tomei, tenho muito boa memoria, por isso de tudo me lembro e recordo.

B. S. Com effeito tendes boa memoria, e ainda que não entendo quasi tudo o que vos disse o Letrado, o seu discurso a modo que me quadra bem. Dizei-me po-



rem, Compadre, não ralhasteis a vosso Sobrinho para que cuidasse só dos seus panos, e das suas contas? e para que se não metesse com argumentos de Politica, que elle não entende, nem pode entender, mas sim que cuidasse só das suas obrigações, que são a verdadeira Politica?

*A. R.* Ralhar! chamei-o a casa, fechei a porta por dentro, e com huma palmatoria expliquei-lhe a Politica deveras, e depois de lhe escovar as mãos deveras, disse-lhe, que aquillo era só a amostra do pano, e que o passado passado; porem, que para o futuro nunca mais se metesse em fallar, nem em Juntas Provisorias nem em Politicas que não entende, nem pôde entender; que cuidasse em vender panos, sacudir-lhe o pó, e cuidar das suas obrigações; e que nunca mais fosse Melquetreffe, e que do contrario que o havia de mandar para Portugal para casa de seu Pay com carta de recommendação para lhe ensinar a Politica deveras.

*B. S.* Nunca as mãos vos doão, Compadre, fizesteis muito bem, por que he huma das quatorze obras de mizericordia ensinar os ignorantes, e castigar os que errão: porém, quando voltareis à Cidade, tornai-o a avizar por que os rapazes são faltos de memoria, e são peiores que a pelle do Diabo; e avizai taõbem os vossos amigos, para que cuidem, cada hum nas suas obrigações, e que esperem pelas novas e ulteriores determinações das Côrtes, que estão regulando os Destinos de Portugal e do Brazil, e que he só de là que podem vir as providencias saudaveis, e os verdadeiros remedios aos nossos males. Quero tambem me digaes Compadre o que quer dizer a palavra Melquetreffe, que não entende bem?

A. R. Melquitrefe quer dizer, segundo ouvi ao meu Letrado, hum petimetre ou charlatao, que fala muito em tudo, sem nada entender de coisa alguma; e eu chamo Melquetrefes a estes Capadocios e Charlataens, que mettendo-se a discorrer em Politica, regalaõ-se de dizer despropositos, e tolices, como os Curandeiros e Barbeiros da Roça em Medicina. Em quanto porém aos Conselhos que me daes, eu os acho muito prudentes e saudaveis, e podeis ficar certo, que logo que torne à Cidade, que hei-de avizar todos os meus amigos e persuadi-los, que cuidem das suas obrigações, e que se deixem de escrever na arêa, e fazer castellos no ar, principalmente a meu Sobrinho, que estimo muito, e praza aos Ceos, que todos os Leitores os oiçaõ, sigaõ, e adoptem, para utilidade sua, proveito do proximo, satisfação, e gloria dos Compadres da Roça.

F I M.